

GEOVANI BUCCI



POR TRÁS DO



GEOVANI BUCCI



POR TRÁS DO

Geovani Bucci

POR TRÁS DO MEGATRON

POR TRÁS DO MEGATRON

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo
da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Autor

Geovani Braga Bucci

Orientador

Profº. Dr. José Maurício Conrado Moreira da Silva

Capa

Vinícius de Melo Silva

Diagramação e ilustrações

Eduarda Ramos da Silva

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

São Paulo, novembro de 2021.

SUMÁRIO

Prefácio	6
Capítulo 1 - Na Boca do Batidão	13
Capítulo 2 - Graves, Faders e Sol Maior	30
Capítulo 3 - Acordes de Luto	44
Posfácio	55
Sobre o autor	58

PREFÁCIO

Megatron. Ao procurar seu significado na internet, descobre-se que essa palavra se trata de um substantivo masculino que é definido por “válvula eletrônica para frequências muito elevadas, constituídas por três eletrodos planos aproximados”. Também é conhecida como o nome do vilão do universo Transformers. Curiosamente, junto com os bailes funk e as pessoas que os frequentam, também é compreendido como um vilão da vida real pela sociedade.

Ao ser visto pessoalmente, o megatron pode ser caracterizado como uma imensa estrutura, composta por mais de 100 potentes caixas de som acopladas, produzindo um estrondoso som provocado por batidas frenéticas, capaz de fazer até os poros da pele vibrarem com o grave. Cada caixa emana uma luz colorida em seu próprio intervalo de tempo, alternando entre si dessa forma. Em algumas festas também pode ser visto como um robô, chamado também de robotron, porém no funk geralmente é considerado um tipo de paredão.

Qualquer festa que se proponha a tocar um “funk” que se preze, deve possuir um paredão, daqueles que fazem com que os seus tímpanos nunca mais sejam os mesmos, que fazem com que o seu torso e o seu quadril se movam quase involuntariamente por conta das batidas eletrônicas intensas e ainda o faça ao menos balbuciar algum hit do momento, que com certeza foi ouvido no rádio do carro, em algum veículo que passou na rua, nos horários mais improváveis da grade televisiva ou até num vídeo aleatório compartilhado no TikTok. Isso ocorre devido à proporção de expansão mercadológica atingida por esse gênero musical na década de 2010.

Marginalizado por décadas e restrito a ser um gênero musical feito pelas periferias e para as periferias dentro dos bailes funk, sua “explosão” inicial ocorreu em 2015, com o hit “Baile de Favela” de MC João, que

inclusive foi performado pela ginasta olímpica Rebeca Andrade, nas Olimpíadas de Tóquio de 2021. O clipe da música foi o primeiro grande sucesso do YouTube do canal Kondzilla, da produtora de mesmo nome do empresário Konrad Dantas.

Até o momento, apenas alguns artistas haviam conseguido destaque no mercado fonográfico como Tati Quebra Barraco, Mr. Catra, Valesca Popozuda e MC Guimê. O mesmo ocorria com artistas de uma vertente considerada por especialistas mais leve e pop como Anitta e Ludmilla. No entanto, o espaço deles nas rádios e outros meios de comunicação ainda estava sendo construído.

A consolidação no cenário musical foi ocorrer de vez em 2016 e 2017, quando diversos hits de funk atingiram o mainstream. Artistas como MC Kevinho, MC Livinho, MC Hariel, MC Zaac e MC Kekel emplacaram diversas músicas de estrondoso sucesso como “Olha a Explosão”, “Bum-bum Granada” e “Cheia de Marra”. Porém, nenhuma foi como “Bum Bum Tam Tam” de MC Fioti. O cantor se inspirou na flauta da clássica Partita de La Menor, de Johann Sebastian Bach, para criar o maior hit de funk da história, cujo clipe atualmente conta com mais de um bilhão e seiscentos milhões de visualizações no YouTube. Inclusive, a faixa foi até usada numa regravação em formato de paródia criada para estimular a vacinação contra a covid-19, por conta da similaridade do refrão com a palavra “Butantan”, o centro de pesquisa biológica da cidade de São Paulo, onde foi produzida a vacina CoronaVac.

Por sua vez, o canal Kondzilla se tornou o maior do Brasil e um dos maiores do mundo ao longo do tempo, com mais de 65 milhões de inscritos e mais de 35 bilhões de reproduções. Outra grande produtora nacional de funk é a GR6 Explode, que conta com mais de 36 milhões de inscritos, sendo o 6º maior canal brasileiro da plataforma.

Diversos artistas do funk se inspiram criativamente no já citado tipo de paredão que possui a palavra megatron no topo de sua estrutura para compor as suas músicas de sucesso, como “Bailão” de MC Davi e o finado MC Kevin ou o projeto “Rave dos Fluxos” que reuniu MC GW, MC GP, MC Kitinho, MC Gomes, DJ Tezinho e DJ GBR. Ambas mencionam

o megatron em sua letra e fazem parte da vertente do funk - sim, existem várias vertentes - conhecida como funk rave, que é uma das mais atuais renovações do gênero, atingindo o grande público pouco antes do início da pandemia do novo coronavírus.

No entanto, o funk carioca, ou simplesmente funk, já passou por diversos processos de renovação desde a sua origem no soul music estadunidense. O ritmo gringo, derivado do R&B e da música gospel bastante consumida pela comunidade preta do país estrangeiro, se popularizou aqui através do rádio nos anos 1960. Mais especificamente, através do radialista Big Boy que apresentava um show musical todo dia às 18 horas na rádio Mundial.

James Brown, ícone da chamada black music, era fervorosamente aguardado pelos ouvintes, assim como outros grandes nomes do soul como Stevie Wonder e Edwin Starr. O sucesso era tanto que se iniciou uma parceria para a realização de bailes no Canecão, extinta casa de espetáculos na zona sul do Rio de Janeiro.

“Sejam bem-vindos ao Baile da Pesada”, anunciava Big Boy, radialista da Mundial. Apesar da seleção de músicas do baile transitar entre funk e rock, tocando músicas de artistas como Pink Floyd – o que desanimava as pessoas que frequentavam os bailes – essas festas se tornaram um grande evento cultural. Logo, os jovens que não tinham dinheiro suficiente para entrar nas boates da Zona Sul começaram a criar alternativas de entretenimento em garagens e nas ruas do subúrbio. Isso deu início a uma popularização do movimento, composto em sua maioria por pessoas pretas e pardas.

Porém, foi só nos anos 1980 que o funk brasileiro foi criado de fato, com influência do Miami Bass, introduzido por Fernando Luís Mattos da Matta, mais conhecido como DJ Marlboro. Ele inseriu a bateria eletrônica característica do funk atual e lançou seu primeiro disco “Funk Brasil”(1989), que consolidou a transformação, semelhante ao movimento antropofágico, em algo brasileiro.

Os bailes configuram-se até hoje como eixo central do movimento funk. E os MCs – acrônimo de mestres de cerimônia, originados a par-

tir de como eram chamadas as pessoas responsáveis por cativar e atrair a atenção do público em festas de hip-hop e freestyle ao lado de DJs – são os porta-vozes de sua mensagem.

Entretanto, conforme apontado pelo livro *Preso na Gaiola* (2020)¹, de Juliana da Silva Bragança, ao longo do tempo foi feito um processo de criminalização dos bailes e da cultura funk como um todo. Na obra, a autora analisa os conteúdos publicados pelo *Jornal do Brasil* para tentar explicar por meio de análise e observação os motivos dessa perseguição, desenvolvida nos anos 1990 e intensificada nos anos 2000.

Bragança aponta que as menções negativas são superiores às positivas e medianas. Ela divide a cobertura jornalística em três ondas criminalizantes, de acordo com a análise de Micael Herschmann em *O funk e o hip hop invadem a cena*.

A primeira está relacionada aos arrastões nas praias na Zona Sul do Rio de Janeiro entre 1992 e 1993. De acordo com o livro, foi o momento que a imagem do funkeiro foi construída como um inimigo público a ser combatido, criando um estereótipo.

Já a segunda onda consiste no esforço populacional e do poder público para interditar os bailes funk, numa campanha dos moradores do Leme, bairro da Zona Sul da cidade. Isso ocorre concomitantemente ao processo de glamourização do funk, pois o veículo se rendia ao seu sucesso comercial.

Por fim, a terceira onda criminalizante é voltada para a abordagem dos bailes como antros propulsores de violência na cidade, o que acabou por fomentar a intensificação da repressão da polícia contra essas festas de modo geral. Bragança ainda ressalta que poucas vezes foi esclarecido que episódios violentos representavam uma parcela ínfima do universo funkeiro e que existiam campanhas dentro desse movimento contra a violência.

¹BRAGANÇA, Juliana da Silva. *Preso na gaiola: a criminalização do funk carioca nas páginas do Jornal do Brasil*. Curitiba: Appris, 2020.

De acordo com a autora, existiam diferentes tipos de bailes funk na década de 1990, como os bailes de comunidade e os bailes de briga (também conhecidos como bailes de corredor). Enquanto o primeiro tipo era mais popular e chegava a atrair até pessoas de classe média, os bailes de briga eram festas que ocorriam em locais neutros (sem controle de facções criminosas) e acabavam por ser pontos onde membros de gangues se enfrentavam fisicamente.

A aproximação da classe média dos bailes resultou em reclamações por conta do som altíssimo e do medo dos pais por seus filhos frequentarem os morros. Isso resultou na supressão quase que completa pelo Estado dos bailes da comunidade, e na ascensão dos bailes de briga. Entretanto, ela aponta que seria reducionista demais torná-los promotores da violência na cidade, como a mídia fazia. A violência urbana é resultado de diversos fatores, como má distribuição de renda, desigualdade social, criminalização do uso de drogas, racismo, entre outros.

Ainda é possível inferir que mesmo avançando por conta principalmente de veículos independentes e alternativos, a visão negativa sobre os bailes funks ainda perdura. Em uma rápida pesquisa no Google, as matérias relacionadas a essas festas quase sempre são relacionadas à segurança pública, drogas e armas.

Dessa forma, o livro *Por Trás do Megatron* tem o objetivo de contar as histórias das pessoas que frequentam os bailes, de forma que pretende humanizá-las, fugindo de estereótipos e estigmas. Ao todo, são três capítulos, cada um concebido a partir de uma indagação humanizadora para compor uma contextualização completa, a partir de seu recorte, sobre o que é o baile funk, oferecendo um panorama completo ao leitor. O que há por trás do megatron, de fato?

Quem frequenta? O primeiro, intitulado *Na Boca do Batidão*, conta a história de vários frequentadores, investigando os meandros de suas experiências. Suas histórias e seus dilemas também estão presentes para que haja uma humanização no sentido proposto.

Quem produz? Já o segundo capítulo, *Graves, Faders e Sol Maior*, é voltado para quem produz música funk e os bailes. Os personagens são

artistas, produtores de música relevantes e organizadores dos maiores bailes da cidade de São Paulo. Além disso, também há a presença de Thiago de Souza, doutorando na Escola de Música da Universidade de São Paulo (USP), professor de piano e frequentador, que traz uma visão especialista e palpável. Também há Silvio Essinger, jornalista que escreveu *Batidão: Uma História do Funk*, obra muito rica que investigou essa cultura intrinsecamente.

Quem é a ‘mãe’? Por fim, o capítulo três, *Acordes de Luto*, aborda um caso de violência notório que tomou conta do noticiário por sua gravidade e choque da sociedade: a tragédia de Paraisópolis. Ao todo, nove adolescentes morreram durante o Baile da 17 em decorrência de uma intervenção policial, em dezembro de 2019. Aqui são contadas as histórias das famílias de algumas dessas pessoas. Denys Henrique Quirino da Silva, que na época tinha 16 anos, morreu neste massacre. Ele ainda vive nas memórias de sua mãe, Maria Cristina Quirino da Silva. Por ser um frequentador, ter tido interesse genuíno em música e ter sido uma das vítimas, sua história póstuma transcende os limites dos capítulos...



#1

**NA BOCA
DO BATIDÃO**

*Abre a janela pro vento bater
O que for ruim deixa o vento levar
Enquanto eu tiver forças pra viver
Eu nunca vou deixar de sonhar
E se Deus é por nós, quem será contra nós?
A favela venceu, deixa os menor voar*
MC Marks

Versos como esses, construídos a partir de reflexos de camadas intrínsecas da realidade precária das periferias, são disparados nas ruas das favelas durante as madrugadas sem estrelas, sustentadas por fortes batidas eletrônicas. O som do grave é propagado a quilômetros de distância do megatron, inundando o campo auditivo de tudo e todos aos arredores dessas imensas festas de rua.

Maria Cristina, 41 anos, iria dormir cedo para sair de manhãzinha no dia seguinte e ir trabalhar. Seria mais um dia de luta para sustentar seus quatro filhos: Daniel, Danylo, Denys e Sabrina. No entanto, o estrondoso barulho que emanava do baile, mesmo de longe, a irritava profundamente. Mais irritante ainda eram aquelas músicas cheias de baixarias que um de seus filhos gostava. E ainda mais, eram os comentários aqui e acolá de que gostaria de ir ao baile algum dia.

- Se você for lá eu te mato! Eu te bato! Eu amarro sua perna na cama, mas você não vai! – impunha Maria Cristina rispidamente ao seu filho Denys para impedi-lo.

Apelidado de Denys Pimentinha por aprontar muito, o garoto sempre dava um jeito de fazer o que queria. Era animado, sempre com um sorriso

encantador nos lábios. Sua pele branca era aquecida pelas roupas que sua mãe comprava para ele com seu dinheirinho suado. Para completar, sempre usava um boné, igual os manos descolados da quebrada.

Era o mais amoroso dos filhos. Maria sempre era intimada a tirar uma foto com ele. Recebia beijos, abraços e cafuné depois de um dia cansativo. Mas, muitas vezes não obedecia. Certa vez, mesmo com Maria e Danylo, seu irmão mais velho, avisando que era perigoso, Denys continuou fazendo várias manobras arriscadas com a sua bicicleta, dada a ele por sua mãe que a pegou num ferro velho e mandou alguém reformar. O resultado: caiu e machucou a cabeça, e teve que levar pontos.

Mas, nada se comparava ao conflito que o funk trazia. Na sua casa, era algo proibido. Letras com conotação sexual eram expressamente rechaçadas por sua mãe. Porém, o garoto enxergava tudo aquilo de outra forma: era um meio de se expressar.

Denys não era a pessoa mais dedicada do mundo no colégio. Ia mais porque sabia que se não fosse, o conselho tutelar seria mais um problema na vida de dona Maria Cristina. Seus talentos eram voltados para algo nem sempre tão valorizado pelas instituições de ensino. Ele tinha um dom natural para a música, para o improviso e parecia dominar os métodos de se fazer um som, sabia até as batidas de várias músicas de cor. Era capaz de criar um ritmo espontaneamente, até com uma simples caneta, a qualquer momento do dia. E o funk era a sua verdadeira paixão. No entanto, ele nunca foi o único. Muita gente ama o funk. E muita gente vai aos bailes.

Era pouco mais de uma hora da manhã. Sob um céu sem luar, Gabrielly, 21 anos, caminhava em direção ao rolê. Lamentava um pouco mentalmente por não ter conseguido vir de Uber. Os motoristas não poderiam seguir mais adiante no trecho que ela estava. Lá no baile funk de São Mateus, Zona Leste de São Paulo, a polícia e os carros de fora são proibidos de passar depois de certa rua. Provavelmente, eles nem gostariam também.

Estudante de Direito e moradora no Jardim Tremembé, bairro localizado no extremo da Zona Norte paulistana, havia combinado de encontrar uma amiga num bloquinho de Carnaval de música eletrônica na Faria Lima naquele dia. Ela sempre aproveitava esse tipo de rolê com os amigos que fez no trance, uma das festas raves que mais frequentava. Depois de ficar andando para um lado e para o outro seguindo a localização, finalmente encontrou Isabela, sua amiga.

Além dela, no bloquinho estavam Pizza, o apelido de seu amigo, cujo nome de batismo era apenas conhecido por amigos íntimos. E o Juca, com quem Gabrielly ficava de vez em quando nas festas ou até depois delas.

Já prestes a escurecer, o grupo procurava um lugar para o after. Isabella foi para a casa de uns amigos dela, os quais Gabrielly não conhecia e por isso não se sentia muito à vontade para acompanhá-la. Então, Pizza sugeriu que todos os restantes fossem para um churrasco, por mais irônico que isso pudesse soar. Esse segundo rolê seria em São Mateus.

No caminho para lá, já dentro de um agitado e truculento ônibus, souberam que o churrasco estava cancelado. Muita gente havia sido convidada por convidados, o que aparentemente fez com que o dono da casa se irritasse. Logo, ele passou a expulsar todo mundo que estava lá.

- Vamo pro baile, então! – sugeriu Juca.

Por um momento, a garota se sentiu acuada. Ela nunca havia estado num baile antes. Já ouviu algumas histórias de amigos que já o tinham feito, como Caíque que foi em um localizado atrás do Shopping Center Norte, na Vila Guilherme, Zona Norte da cidade. O amigo contou que ao chegar ao baile, apontaram um fuzil para ele. “Sou morador”, argumentou, mentindo para safar-se da enrascada. Depois disso, o rapaz nunca mais voltou.

Porém, os dois garotos que estavam com ela moravam lá na região. Por este fato, Gabrielly pensou que não poderia estar mais segura. Sua postura “de fora”, por pertencer a uma classe média, e ser uma branca de madeixas loiras e olhos azuis talvez geraria certo desconforto no baile.

Apesar de morar a maior parte do tempo com a sua mãe por conta da relação conflituosa com sua madrasta, ela tinha uma condição financeira melhor que as pessoas que frequentam as festas da região por conta do pai. Bem de vida, o advogado mora na Serra da Cantareira. Mas, a segurança que os garotos transmitiam para ela a tranquilizou nesse aspecto.

Diante da animação dos rapazes, principalmente de Juca, e da excitação gerada por conta da informação de que seus amigos Luan e Lucas, também do trance, estariam no baile, ela concordou em ir.

Já no extremo da Zona Leste, eles desceram na estação de trem Sapopemba da linha 15 Prata. Era uma caminhada longa, desde a estação até o pico do rolê.

Naquele momento ela já avistou outros garotos que estavam caminhando concomitantemente a eles, em grupo, indo em direção ao baile. Gabrielly logo identificou que se tratava de “playboys” tentando “pagarem de favelados”. Ela se irritou um pouco, pois sempre achava muito ridículo pessoas de classes mais ricas vestindo roupas e adereços característicos das pessoas que moram nas periferias e nas favelas. Muitas pessoas vivem assim por falta de opção e é como se houvesse uma apropriação de uma existência que não é a ideal apenas por modismo. Porém, distraiu-se logo em seguida com as risadas escandalosas de Pizza.

Para chegar no seu destino, o Baile da Velha, havia ruas íngremes para descer, distribuídas de forma perpendicular. Até essa região, veículos “estranhos” como os da polícia civil são liberados para ir. “Se passar disso, você pode ser pego”, disse Juca. Eram ruas compridas e estreitas que levavam em direção ao alto batidão, capaz até de fazer o asfalto de uma das ruas principais tremer.

No fluxo, todos estavam no meio da rua, próximos a vários carros celtas rebaixados com caixas de som instaladas em seus porta-malas. E mais a frente, havia um paredão colorido emanando o potente som principal do baile. Os vibrantes roncões do motor das motos pairavam em torno dos ouvidos de Gabrielly. A maioria das pessoas estavam trajadas de Oakley, com os óculos tipo juliet e até medusas, que são capacetes de formato semelhante ao personagem Predador, do filme O Predador (1987). Tam-

bém tinha o pessoal do guarda-chuva, outro modismo surgido nas raves e pool parties norte-americanas para proteção do sol, mas que nos bailes de funk são movimentados para cima e para baixo, abrindo e fechando, acompanhando os graves das músicas.

A garota estava surpresa com o choque de realidade ao entrar no baile. Uma favela em si era diferente do que pessoas como ela estavam acostumadas. Todas as casas eram construídas uma sobre a outra, com as paredes não finalizadas, algumas com reboco, porém outras apenas constituídas por tijolos e por telhas finas, levemente inclinadas em uma direção. A iluminação era por conta de postes públicos de iluminação.

Cheio de pessoas, o baile funcionava por uma divisão de rodinhas de pessoas conversando, rindo, gritando, cantando, com mochilas e bebidas posicionadas ao centro delas. Enquanto isso, várias outras pessoas se movimentavam deslocando-se por entre essas rodas em direção aos bares e aos vendedores ambulantes para comprar algo. Ou também, para ir ao banheiro.

Foi o caso de Gabrielly. Depois de aliviar-se numa fétida latrina de um bar com um cardápio razoável, percebeu que havia latinhas vazias de cerveja sendo vendidas por 1 real. Essas latinhas serviriam para baforar lança-perfume para quem as comprasse. No entanto, preferiu comprar as caipirinhas do menu. Eles já tinham o que queriam para se divertir. Com bebidas e drogas na mochila de Juca, o rolê finalmente começaria para eles.

Nove balas foram inseridas dentro de uma garrafa de água. A bala, nome popular do ecstasy, é conhecida por aumentar o estado de alerta e o desejo sexual, além de euforia, extroversão e bem-estar. Ao fazerem um revezamento da garrafa, o metabolismo de cada um começou a ser afetado pelo efeito dos psicoativos.

Já em relação ao lança-perfume que estava sendo vendido, Gabrielly não se sentia bem em usar. Uma vez ela viu o líquido corroer uma latinha de Coca-Cola. “Imagina o que isso faria no meu corpo”, ela pensava. Tampouco se interessava por pó. Tratava-se de uma droga pesada demais para ela.

Feliz, rebolando e beijando Juca, ela se sentia absurdamente bem. Para ela, muito se assemelhava às festas raves que frequentava. No fundo, sentia-se feliz por poder fazer o quisesse na hora que quisesse. Sua necessidade de viver intensamente era o que lhe dava prazer. Aquela era apenas uma noite de curtição dos seus 20 e poucos anos.

O baile funk possibilita que Gabrielly se sinta livre, porém não acontece o mesmo com Evandro. Talvez, apenas parcialmente.

O atendente de telemarketing de 22 anos, homossexual, preto, estudante de inglês às terças e quintas-feiras, aprende sobre verbos irregulares da língua anglo-saxônica enquanto sonha com o dia em que finalmente fará um intercâmbio, apesar de não saber ainda para onde vai. Faz pouco tempo que acabou de se mudar com sua irmã Duda para a Brasilândia, bairro também localizado no extremo da Zona Norte paulistana, onde compartilham as despesas e nutrem-se de sua recém conquistada independência.

Raramente fica em casa numa sexta ou sábado à noite. Sai com os amigos que fez no ensino médio e com as suas amigas que conheceu em acampamentos, da época em que frequentava a igreja. É um grupo que se juntou por conta da amizade em comum que tem com Evandro. Eles gostam mesmo é de rir, aproveitar o momento e principalmente extravasar o estresse cotidiano nessas festas, de preferência em lugares em que não haja julgamentos.

Antes da pandemia do novo coronavírus, ele frequentava vários bailes funk, principalmente nos anos de 2018 e 2019. Ia para o baile no Doze do Santa, que fica no Jardim Fontalis, também na extrema Zona Norte de São Paulo. Outros bailes que ele frequentava eram os da Rua da Fonte e o Cinga, que ficam no Jardim Brasil, todos muito próximos à região em que mora, algo comum para os frequentadores. Proximidade geralmente é um fator que contribui bastante, a menos que seja um baile muito famoso, como Baile da DZ7.

Evandro gosta desses bailes porque sente que pode ser quem é de ver-

dade nesses ambientes, mesmo que tenha que se “controlar” em alguns momentos. Uma liberdade parcial é melhor que liberdade nenhuma, situação que vivia na Igreja. Nos bailes quase ninguém o julga ou se importa com a forma como ele dança, rebolando a bunda e indo até o chão. Esbanjar feminilidade sendo homem pode ser perigoso, e ele já teve que enfrentar diversas barreiras para se conectar a esse seu lado, inclusive as que vinham de sua própria mente.

Viveu um longo tempo de sua vida para a religião cristã: dos 9 aos 19 anos. No entanto, dos 17 em diante já não aparecia com tanta frequência nas missas. Tampouco seguia as doutrinas. Evandro fez parte de uma comunidade de bairro religiosa durante boa parte de sua vida, quase a adolescência inteira. Ele acredita que isso o atrasou muito em relação a vida social e a sua forma de enxergar o mundo. Muita coisa que ele começou a viver apenas com 18 anos, a irmã Duda, por exemplo, já tinha vivido aos 14 anos. Ele já se martirizou muito com isso, achava que tinha perdido tempo e desejava profundamente o recuperar, principalmente o que deveria ter vivido na escola, em que poderia ter ficado com outros rapazes, ter se assumido antes, sido outra pessoa. Ao mesmo tempo, acredita que isso tudo contribuiu para ele ser quem é hoje. Atualmente, é muito decidido quanto às suas vontades e se sente confortável ao expressar seus desejos e sentimentos. Há uma completa discrepância entre a forma como ele era na vida voltada para a Igreja e a atual frequentando bailes e sendo gay assumido, sem medo de ser afeminado.

A primeira vez que ele foi em um baile foi por causa das pessoas que ama. Foi numa noite de Natal, na Basílio, no Jardim Brasil. Em 2017 ele estava acompanhado de duas amigas, Giulia e Giovanna. Todos fizeram a sagrada refeição na casa da família de Evandro, e depois da ceia, já queriam sair para beber e se divertirem. Surgiu no ar uma ideia da prima Lúcia, de que todos eles deveriam ir para o baile. Evandro não queria ir, estava extremamente receoso, por medo. Porém acabou cedendo.

Sua prima já tinha uma vivência nessas festas, pois é o local que ela frequentava desde que se tornou adolescente. Ela passava um pouco dessa confortabilidade para ele, de que iria cuidar dele, pois existem pessoas

muito preconceituosas nesses espaços.

Ele foi praticamente criado com Lúcia, fato que os tornou muito próximos. Quando ele tinha 11 anos e ela 14, a menina começou a frequentar os bailes. Foi influenciada pelas pessoas com quem estudava na escola. Ela já tinha uma intimidade com o ambiente dos bailes, e isso o deixou mais confortável para ir com ela quando passou a ir também. O medo era motivado pelo que falam sobre baile como sendo um antro de crime, e por receio de ser agredido por algum machão.

- Ninguém vai mexer com você, eu tô lá! Ninguém vai mexer com você! – prometia Lúcia.

De fato, a prima não mentiu. Nada de grave aconteceu. Porém, em algumas ocasiões em que ela não estava, a história foi outra.

Um amigo hétero de Evandro tem até uma cicatriz no braço, por conta de uma briga em que o defendeu de alguns homofóbicos que tinham uma garrafa quebrada em mãos. É algo que às vezes é mais escancarado, como em palavras homofóbicas ditas aos berros e até ameaças, porém muitas vezes é discreto, através de olhares ou palavras que podem parecer inofensivas, que são triviais e leves como uma pipa ao vento para quem as profere, porém dolorosas como um fio cortante para quem as ouve.

- Ô viado, quero ficar com a sua amiga. – disse rispidamente um homem mais velho a ele uma vez.

Evandro acredita que a homofobia é algo muito condizente com o que a pessoa aprende em casa, com a família e no meio o qual está inserida. Isso faz com que muitos tenham as suas mentes fechadas a algo diferente. Porém, seus amigos sempre o entenderam, principalmente os da escola.

Os amigos que fez nessa época eram os mesmos que iam aos bailes com ele, e moravam no bairro do Limão, também na Zona Norte. Certo dia, decidiram então, ir para um baile lá naquela área, localizado na Casa Verde.

No entanto, ao chegarem, estavam um pouco destoados. Haviam estado numa festa na Zona Sul e só foram parar lá para o famigerado after. Permaneceram na panelinha deles a maior parte do tempo. O baile funk é

um espaço muito bom para Evandro socializar. Geralmente, com mulheres, quando ele começa a dançar. Muitas acham incrível ver um menino afeminado rebolando. São as meninas que gostam de ter amigos gays. As que falam “lacrou”, “pisou” e chamam os gays de “bicha” na maior intimidade.

Evandro solta para as meninas expressões como “mana, pare, pisa menos”. Trata-se de um meme do Twitter que basicamente debocha da artificialidade desse tipo de relação. O interesse em ter um amigo homossexual simplesmente por ser homossexual, porque viu numa novela ou uma série que é legal ter um, é desconfortável para ele.

Outro momento “Twitter” que ele vivenciou foi no baile Doze do Santa, no Jardim Fontalis, em 2018. Ele e sua amiga Giulia tinham voltado de uma manifestação contra o então candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro. No embalo da militância política, os dois estavam tentando virar votos dentro do baile para o candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad. Giulia tentava conscientizar as pessoas que moravam naquela região a não votar em Bolsonaro, uma vez que aparentemente as pessoas de lá tinham bastante preferência pelo candidato ultraconservador:

- A gente é da favela, num governo dele não vão respeitar a gente! – destacava a garota.

- Você mora onde? – indagavam.

- No Tucuruvi...

- Você nem é da favela! – exclamaram, aos risos.

- Então... por isso mesmo! Vocês têm que saber disso, vocês têm que votar no Haddad!

Na época das polêmicas eleições de 2018, Evandro e Giulia estavam indo para todos os protestos possíveis e em todas as manifestações do movimento #EleNão. Extremamente engajados, falavam das propostas dos dois candidatos para todo mundo que viam pela frente e faziam um comparativo, ilustrando o quanto o petista seria superior ao ex-capitão do Exército. Naquela noite, voltaram às sete de manhã para casa roucos

de tanto fazer campanha.

Momentos como esse, Evandro guarda no coração. Porém, apesar de ter se sentido livre nos bailes, não sente que era tão bem aceito pelas pessoas. O sentimento de felicidade acontece apenas quando está com seus amigos e é a companhia deles que o motivaria a continuar indo, assim que estivesse devidamente vacinado contra a covid-19.

Porém, teria que continuar sendo mais contido. E tentaria continuar indo o menos espalhafatoso possível para os bailes. Como sempre está com pessoas que ele se sente confortável, acredita que conseguiria se divertir.

Um de seus looks preferidos era usar uma jaqueta jeans, uma camisa florida por baixo, e óculos escuros de hastes brancas e lentes alaranjadas. E ainda uma corrente com uma cruz prata de pingente em volta do pescoço. Itens adquiridos em brechó, que Evandro ostentava com orgulho.

Na escola, Denys Pimentinha observava os colegas ostentando itens como tênis de marca, roupas da Lacoste, bonés. Em casa, nunca passou por uma situação de não ter o que vestir, muito menos de não ganhar nada, já que sua mãe sempre trazia algo para ele e seus irmãos. Mesmo que não tivesse um presente para cada um dos filhos, ela comprava ao menos um jogo interativo para todos brincarem. Todavia, o garoto passou a ambicionar os estilos de roupa os quais todos no colégio estavam usando.

Certo dia, propôs que seu irmão mais velho Danylo se cadastrasse no iFood como entregador e permitisse que Denys fizesse o serviço - afinal, ele ainda tinha 14 anos. Porém, sua mãe logo o interrompeu e impediu que sua ideia fosse para frente, para protegê-lo. Ser entregador de comida não é para um jovem garotinho.

Buscando ser justa, Maria Cristina viu que trabalhar era algo que o filho queria muito. Sentia a dor do seu menino por não ter aquelas roupas descoladas. Então, tratou de conseguir algo para ele fazer, ter o seu dinheirinho e comprar as suas coisas. Pimentinha então foi contratado num estabelecimento de limpeza de móveis estofados. E ficou feliz da vida

pela ajuda da mãe.

O sorriso genuíno do pequeno rostinho do filho não tinha preço para sua mãe. Todas as noites, um beijo molhado e um abraço eram dados por ele em Maria após um dia exaustivo de trabalho, de ambos. De quebra, ainda era feito um cafuné sobre os cabelos pretos de sua querida.

O carinho se intensificou quando Maria adoeceu e foi internada entre a vida e a morte. O único caminho era uma histerectomia arriscada. Ela havia descoberto que tinha miomas em seu órgão reprodutivo. Logo, o útero foi retirado. Um golpe duro para uma mãe que sonhava em ter mais filhos: ela nunca mais poderia ter mais nenhum...

- Mamãe, a senhora pode adotar! - argumentou Denys depois de saber da notícia.

Um sorriso que só ele era capaz de arrancar surgiu no rosto de uma mãe triste, mas resignada porque se isso aconteceu, é porque Deus queria algo melhor para ela.

- Além de adotar, ainda vou ter meus netos, né? - brincou.

- Vou dar um neto pra senhora! - disse ele, sorrindo.

- Denys, você é muito pra frente!

O filho de Maria Cristina estava crescendo, assim como seus sonhos e sua independência por conta do trabalho. Para alegrar sua mãe, ele já acordava nos 220 vltz, com alegria, cantando, dançando logo de manhã, imitando os artistas de funk. Músicas que conhecia quando ouviam o som emanando dos bailes nas proximidades de sua casa.

Nicolle, 21 anos, atualmente trabalha como jovem aprendiz de enfermagem nas vacinações de covid-19, no drive-thru de algumas Unidades Básicas de Saúde de São Paulo. Recentemente trancou o curso de odontologia, por questões financeiras envolvendo a crise que assola o país. Porém, pretende voltar para a faculdade no ano que vem, na esperança das coisas melhorarem. E nos finais de semana, tem uma rotina sagrada: ir ao baile funk no sábado e dormir o dia inteiro no domingo por conta da ressaca.

Ela mora num bairro de classe média, o Tremembé, apesar de não pertencer a ela financeiramente. Sua casa sempre foi a mais humilde da rua, a menos exuberante, com portão de latão e pouco reboque. Foi herdada de seus avós, que já morreram, e então a posse ficou para os seus pais.

Ultimamente, não tem ido tanto para os bailes com as suas amigas como antes, pois começou a namorar com Vinícius, e ele não gosta que ela vá sem ele. Se é para ir, vão juntos. Outro ponto que influencia a não ir sem ele é a falta de dinheiro. Nicolle já não tem mais tanto cash para o transporte público ou para comprar bebidas, essenciais para poder curtir e “ficar louca”, nas suas palavras.

Parda, de cabelos castanhos escuros e olhos verde oliva, foi criada praticamente dentro da igreja, então não podia sair muito na adolescência. Começou a sair mais de casa quando se tornou maior de idade e fez amizades com alunos ricos da faculdade, que eventualmente a levavam para as raves, em todos os finais de semana. Até brigarem.

- Você só vai lá porque consegue droga de graça da gente. – disse uma amiga uma vez, acusando-a de interesseira.

No entanto, a única droga que Nicolle usava regularmente era maco-nha, que garantia uma “brisa” boa. Chegou a experimentar outras substâncias nas festas raves, como doce, conhecido também como LSD, e ecstasy, porém em pó, tratado como “MD” ao invés de “bala”. Seu uso é feito para dar prazer e bem estar, elevando a empatia e sensibilidade. Além disso, aumenta a resistência física.

Ela e Vinícius eram melhores amigos antes de se tornarem namorados e formavam um grupinho com outros dois amigos em comum, uma garota e um garoto. E assim, todos os finais de semana iam para a rave, escondida de sua mãe evangélica, que em hipótese alguma poderia descobrir.

Ao frequentar essas festas, Nicolle começou a mudar o seu estilo e alterar seu senso de moda. Antes muito básica, passou então a usar Oakley, e assim começou a investir quase todo o seu dinheiro em roupas dessa marca.

No entanto, com o início da pandemia do novo coronavírus, as raves

pararam de acontecer. Isso fez com que tivessem de ir mais para os bailes funk para se divertir. Começaram a frequentar o DZ7, a Marconi, o Heli-pa, Baile do Jota... Para selecionar qual baile eles deveriam ir, eles observavam os stories do Instagram para ver como estava o rolê. Eles preferiam os que teriam menos pessoas por conta do medo do vírus mortal.

Passaram então a andar com os amigos de infância de Nicolle. Eles moram na favela na região próxima de sua casa, na Vila Albertina, e vão aos bailes desde quando eram criancinhas, então é de lei que frequentem, segundo ela. É com eles que ela se diverte atualmente, apesar de debochar dela por não morar na favela, como se fosse uma “boy rica”.

Todo fim de semana eles vão aos bailes, guardam dinheiro para fechar um combo, que consiste em alguns “copões” de whisky e energético, para beber, dar risada, e dançar rebolando o traseiro.

Para Nicolle, o funk em si é o melhor ritmo para agitar a sua pelvis e fazer movimentos sensuais no sentido vertical. Na rave em si, ela já rebo-lava muito com música eletrônica. Porém, a enfermeira gosta muito mais de funk.

O baile é um estilo de vida para ela. Durante o trabalho duro durante a semana, ela sempre pensa em guardar dinheiro para comprar itens essenciais para aproveitar o final de semana, seja um kit de maconha com o traficante que fornece o corre para ela ou “fechar um combo” de bebidas.

Se Nicolle já tem uma experiência regular com os bailes, Raquel foi uma vez e até hoje encontra-se com medo de sua experiência. A garota de cabelos castanhos claros e pele branquíssima mora no bairro Santa Cecília, na região central de São Paulo.

É de classe alta e tinha 16 anos quando foi. Naquela noite, conheceu o Baile do Heli-pa, em Heliópolis. Ela foi com a namorada Amanda e uns amigos dela, Leonardo e Gabriel, que namoravam entre si também. Sua família morou por muitos anos perto da favela localizada naquela região, e seu pai Luciano ficou por lá mesmo após o divórcio. Ela vivia bem atrás da Rodovia Anchieta, de forma que, de um lado ficava o bairro onde eles

moravam e do outro ficava a comunidade.

Na época, sempre tinham o costume de se o rolê estivesse chato num lugar, iriam para outro. Era bem na época do boom do funk no cenário musical nacional, em 2015. Por isso, queriam muito ir a um baile para ver como é, e a favela mais próxima era a de Heliópolis.

Os quatro já estavam bebendo em casa para um esquentar, e talvez isso os tenha deixado mais suscetíveis a ir. Mesmo que alguns pensamentos voltados para o medo de irem até lá surgissem em suas mentes, Raquel assegurava que se sentia segura, pois conhecia muito por lá, afinal, morou ali boa parte de sua vida.

Ao chegarem no local, próximo à estação Sacomã, eles andaram um pouquinho, em linha reta. Haviam sido deixados numa esquina e tiveram que contornar o quarteirão para que pudessem subir uma ladeira. No topo, deram de cara com um mar de pessoas. Porém, um desconforto pairou em torno de Raquel. Tudo era muito diferente do que estava acostumada. Naquele momento, decidiu que não iria ingerir mais nenhuma gota de álcool e orientou o grupo a não avançar mais adentro do baile, para poderem ir embora caso algo acontecesse.

Tratava-se de uma festa de rua, como se fosse um bloquinho de Carnaval. Era umaimensidão de gente. Raquel não fazia ideia de onde começava ou onde terminava. Muitas motos estavam espalhadas pela rua. As pessoas conversavam em rodinhas e havia muitos casais. Surpreendeu-se com a venda explícita de drogas, com uns homens gritando aos quatro ventos “ó o lança”.

Nas festas em que frequentava, geralmente baladas em que ela entrava com RG falso, por exemplo, a venda de substâncias ilícitas era muito mais discreta. O processo era normalmente passar o dinheiro escondido e fingir que nada aconteceu. Mas, no baile funk, tudo era escancarado. Os aviõezinhos não se importavam com essas convenções e tabus, não havia o que esconder.

Outra surpresa foi o próprio tipo de música que tocava. A versão dessa cultura que vem para o centro de São Paulo é diferente da que é consumi-

da nas periferias, onde há muita música funk pesada e de ostentação que não chega para as regiões mais ricas.

Em meio ao baile, as casas da rua abrem as suas garagens e acabam participando do baile, fazendo parte da farra. A cada intervalo entre duas casas, há um bar ou uma vendinha, onde as pessoas compram bebidas em meio aos choques sonoros emanados pela potência do megatron.

As pessoas ficavam conversando, bebendo, tirando foto e fazendo pas-sinhos. Lá as meninas usam calças jeans apertadas, um nike shox e aquelas blusinhas com a barriga aparecendo, ao estilo mandrake, uma palavra que deriva das mandrágoras afrodisíacas, mas que nas quebradas se refere simplesmente a uma pessoa estilosa. Já Raquel vestia um camiseta de marca, pulseirinha da Pandora, pingentes e brincos.

Por um momento, observava as pessoas à sua volta se drogando, usando muito loló e maconha. Acontecia também uma “passagem de bonde” igual em balada, que consiste em vários homens numa fila procurando meninas para beijar, muitas vezes passando a mão sem permissão.

Pouco tempo depois de chegarem lá, Raquel e seus amigos ficaram com medo por conta do choque de realidade. Criaram uma paranoia em suas mentes de que alguém descobriria que eles não são da favela e que fariam mal a eles. O que confortava Raquel era que poderia ligar para o seu pai a qualquer momento, mesmo que isso certamente o deixasse furioso e significasse o cancelamento da viagem da garota para o Canadá nas férias. Então, a paranoia foi promovida a status de intuição. Algo muito ruim iria acontecer com eles se continuassem lá. Quase não retiraram os seus celulares dos bolsos por medo de serem assaltados.

Raquel percebia que seus amigos estavam muito mais bêbados que ela. Manteve-se sóbria, pois queria ter noção do que acontecia ao seu redor. Porém, em algum momento, ela se distraiu. Seus olhos encontraram um olhar de um garoto de boné, alto e com camiseta do Corinthians. Subitamente, ela percebeu o olhar feroz de uma garota em direção a ela. Raquel supôs que fosse a namorada dele.

Ela foi olhada de cima para baixo pela garota, mas tentou disfarçar o

desconforto. Porém, pouco tempo depois viu a garota em questão brigando com outra, aparentemente pelo mesmo motivo.

O grupo apenas observou a briga, apesar de não ter sido possível entender muito do que era dito - ou gritado - por conta da música alta. No geral, consistia em xingamentos pesados, dedos apontados e o rapaz tentando separá-las. Raquel e os outros saíram de perto, em seguida.

Ao todo, ficaram por lá por volta de uma hora e meia. Assim que as latinhas de cerveja terminavam de ser bebidas e o horário de abertura da estação do metrô se aproximava, optaram por ir embora.

E claro, seus pais jamais saberiam que um dia ela esteve lá.

Por acaso, esse era o mesmo dilema familiar sofrido com Denys. Seu irmão Danylo sabia que ele estava indo escondido da mãe aos bailes, apesar de não ser com muita frequência. Nas duas vezes que foi, nada de grave havia acontecido. E Maria era muito severa em relação a esse assunto, nunca poderia descobrir.

Ele já estava próximo dos 17 anos quando foi para o Baile da DZ7, na madrugada do dia 1 de dezembro de 2019.



#2

GRAVES, FADERS E SOL MAIOR

Desde pequeno, Denys Henrique era fã de música. No Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), local subsidiado pela prefeitura da cidade com foco no desenvolvimento de atividades para indivíduos de 6 a 14 anos, o garoto aprendeu a tocar violão e flauta. Isso contribuiu para o seu conhecimento musical e seus interesses.

Num dia nublado, num sábado de manhã tranquilo, sons variados e alegres que remetiam a ritmos nordestinos surgiam no ar pela residência de Maria Cristina. Denys assoprava pela pequena estrutura amadeirada as notas de Asa Branca, de Luiz Gonzaga. A mãe exausta e Sabrina, a caçula, sorriam.

Sempre que o filho tocava a flauta, Maria se aproximava para poder apreciar de camarote ao show exclusivo e inesperado, que poderia se iniciar a qualquer momento do dia. Quando foi ficando mais velho, o Pimentinha passou a cantar músicas mais atuais e voltadas para outros ritmos que ouvia a molecada comentar na escola, como rap e o funk.

- Denys, você decora uma letra inteira de funk, mas não decora uma tabuada! Onde já se viu?! - reclamou a mãe, preocupada com os estudos do filho.

- Mamãe, um dia eu vou dar orgulho pra senhora! - disse o garoto, sorrindo.

Trata-se de uma esperança por vezes comum em garotos das periferias, a ânsia por se tornar um MC famoso. Thiago de Souza, doutorando em funk pela Universidade de São Paulo e formado em Música pela Universidade Estadual Paulista, estuda aspectos sociológicos que explicam isso.

O desejo por “ser alguém”, isto é, ter algum tipo de ascensão financeira e social, é bastante comum nas periferias, assim como em qualquer outro lugar. Entretanto, a realidade faz com que as necessidades e anseios das

pessoas que moram nessas regiões sejam bem específicas. Isso ocorre porque não há acesso a uma boa educação, pela falta de dinheiro para escolas particulares e por conta da precariedade na maioria das escolas públicas. Logo, apenas uma minoria tem acesso a universidades públicas por conta de políticas de inclusão, e conseqüentemente na área de trabalho de desejo.

As únicas “opções” acabam por ser se tornar MC de funk, jogador de futebol, se aliar ao tráfico de drogas ou frequentar e crescer dentro de uma igreja – que tem muita força nessas regiões, o que explicaria a imensa quantidade de templos religiosos nas periferias.

A molecada da favela não se inspira em qualquer um. Não ouve a mensagem de qualquer um. Não é simples como dizer “pessoal, usem máscara por causa da pandemia de um vírus mortal” e ter uma resposta imediata de uma autoproteção por parte dessas pessoas. Eles se inspiram em MCs, jogadores de futebol ou qualquer outro tipo de exemplo que provoque algum senso de identificação. Alguém que faça-os pensar “ele(a) se parece comigo”.

Thiago, que tem 27 anos, iniciou um canal no YouTube chamado “Canal do Thiagson” em que explica questões como essas, com seu visual extremamente particular. Muitas vezes descamisado, com correntes, uma barbicha e um cabelo com topete, num tom representativo. A música sempre fez parte de sua vida e provocava reflexões muito profundas sobre si mesmo, e isso o motivou a escolher seu curso de graduação, cujo direcionamento do curso deve ser escolhido entre as opções: composição, regência ou algo voltado para algum instrumento. Escolheu a composição. No entanto, foi se decepcionando ao longo do tempo, pois o curso sempre foi voltado para músicas de concertos de tradição europeia, mais conhecida como clássica ou erudita, isto é, elitista.

Então, ao se irritar com o fato de as classes mais populares serem ignoradas, decidiu focar no debate sobre a legitimidade do funk em seu mestrado. A pergunta que procura responder é “por que todo mundo sentia autoridade para falar que o funk é uma porcaria?” Dessa forma, ele voltou para o departamento de música, onde estudou a musicologia do funk,

com foco no aspecto antropológico da questão.

A sua luta consiste em se utilizar do conhecimento e da ciência para questionar os preconceitos naturalizados em relação a essa cultura. De acordo com ele, o funk jamais poderia ser chamado de porcaria, pois tem resultados mais complexos até que as obras de Beethoven ou Mozart. Por ser uma música eletrônica, tem muitos elementos complexos em sua estrutura.

As pessoas sempre têm um conceito introjetado que música boa deve ter vários acordes, várias notas de voz alcançadas e tessitura (do agudo ao grave) muito grande. Esses valores estão historicamente encontrados na música clássica advinda da europeia. O pesquisador Carlos Palombini, amigo de Thiago, fez doutorado em Londres e usou da discografia de Pierre Chefer, o primeiro a fazer música eletrônica.

Ao analisar o funk, que é uma manifestação eletrônica e dançante, Carlos constatou que a sua complexidade é mais voltada para aspectos sonoros. Existem várias camadas de som e de timbre. A música “A Entrega”, de MC Alê, por exemplo, conta com um som de violoncelo sobreposto com som de moto, em que é necessário utilizar programas de computador para obter o resultado final.

Para produzir música e ser um artista é necessário ter um empresário alocado a uma empresa que forneça instruções de qual caminho seguir; ter um portfólio de trabalhos musicais, podendo a composição ser do artista ou de alguém que ceda os direitos - embora no funk, a maioria esmagadora seja composta pelos próprios intérpretes; e ter acesso a um estúdio, fazendo com que o produtor acompanhe o artista e o guie para “entrar no tom” da percussão, da base e do ritmo.

Também é preciso ter capital financeiro para lançar a música pronta em canais do YouTube com alcance relevante, seja com videoclipe ou apenas o som com uma arte de capa para divulgação nas redes sociais. Isso geralmente é feito pelas próprias produtoras.

As batidas e as bases ficam por conta do produtor. O artista traz a composição, depois grava a letra no tempo indicado com a sua voz no

microfone, podendo ser performático e demonstrando suas técnicas vocais. Muitas vezes o ritmo já existe e a letra é apenas moldada para ser encaixada. São chamados de “guias”, o som bruto, que pode ser alterado na pós-produção.

Já a gravação de um videoclipe segue os padrões de uma produção audiovisual comum. Inicialmente, deve ser criado um roteiro com planejamento de storytelling, uma técnica reconhecida mundialmente de contar histórias com começo, meio e fim. Há também uma sugestão de locação. E então, contrata-se a produtora, que geralmente oferece pacotes para a gravação, direção e edição. Contratam-se figurantes, atores ou simplesmente amigos convocados que farão parte das cenas. Muitas vezes, quem faz isso é o próprio diretor. E ainda há um assistente de produção para organizar todo mundo e um fotógrafo, cujas fotos farão parte da divulgação, capa do single (lançamento de uma música comercial), entre outras possibilidades. Por fim, é feita a pós-produção na edição por meio de programas como Adobe Premiere.

Quem trabalha com isso é Matheus Damasceno, 25 anos, formado em Publicidade e Propaganda. Com a graduação focada em marketing, se formou na Universidade Presbiteriana Mackenzie com auxílio de uma bolsa filantrópica. Hoje, é produtor de áudio e vídeo e dono da produtora Funk Executivo, que já trabalhou com artistas como MC Livinho e Mano Brown. Também é organizador do Baile do Diamante, evento fechado que acontece próximo de Mauá. Iniciou sua carreira em 2016, bem no início do boom do funk no cenário musical nacional, e hoje conta com mais cinco produtores que o auxiliam.

Desde adolescente sempre teve paixão pelo gênero. Muito disso se deve a sua origem periférica, sendo “cria” de São Mateus, bairro do extremo leste de São Paulo. Ele apenas frequentava bailes como o Baile do Vera, na região onde mora, que recebe em torno de 10 mil pessoas na noite. Nunca imaginou trabalhar com isso até conhecer um de seus melhores amigos na faculdade.

Esse amigo cantava músicas do gênero, porém custava a avançar em seus padrões de qualidade. Matheus percebeu potencial de retorno finan-

ceiro e decidiu ajudá-lo da maneira que podia. Inicialmente, procuravam por pessoas que trabalhavam nos bastidores da produção de música para poderem aprender a fazer o mesmo. Isso se dava por pagamentos que os dois faziam, no entanto, o orçamento acabou e tiveram de começar a se virar.

Atualmente, apenas Matheus segue no ramo. O amigo não conseguiu fazer sucesso e teve de se sustentar de outra forma. Já o produtor considera que o funk foi a sua oportunidade de ser alguém, de ter um trabalho remunerado com qualidade. Primeiramente, como válvula de escape, e depois como uma forma de viver.

Considera também o funk como o maior gênero musical do Brasil, e isso se reflete no seu imenso potencial de internacionalização conquistado em pouco mais de 10 anos, mesmo que o sertanejo reine com seus números estratosféricos nas plataformas digitais. Alguns personagens têm contribuído para isso, como Anitta com vários hits internacionais como “Vai Malandra” e até artistas internacionais como Cardi B, que utilizou uma música do cantor e DJ brasileiro Pedro Sampaio em sua apresentação na maior premiação da música mundial, o Grammy, no ano de 2020.

Porém, para conquistar o mercado dessa forma, é necessária muita versatilidade. Matheus já está acostumado com as alterações de tendências do funk, que evoluem constantemente em períodos de aproximadamente seis meses.

Em 2021, surgiu no cenário uma nova variação, que é o “funk BH”, proveniente de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. O hit “Bipolar”, de MC Don Juan, MC Davi e MC Pedrinho atingiu o topo das paradas musicais, inclusive o número um do Spotify Brasil, e pertence a essa vertente. A sua estrutura sonora é caracterizada como própria dessa vertente por conta da marcação específica dos beats, ou batidas, que é determinante para diferenciar uma da outra. Mais algumas variações, geralmente influenciadas por regionalismos, que têm feito muito sucesso são o brega funk, a pisadinha funk e o rave funk.

MC Ruam, ou simplesmente Ruam Rodrigues Salomão, faz um trabalho árduo e extenso de pesquisa para compreender o que está mais em

alta no mercado fonográfico, a fim de influenciar na produção de suas criações musicais e assim potencializar a sua carreira. Morador da comunidade Flor do Campo, busca inserir dilemas de sua realidade em suas composições.

O cantor, loiro e de olhos azuis, com 25 anos de idade, vem de uma família musicista, cujo pai é um cantor sertanejo. Inicialmente, sua carreira estava sendo criativamente influenciada por esse gênero até que descobriu a sua paixão pelo funk, por conta da presença constante do gênero em sua adolescência. Porém, jamais conseguiria subir nos palcos e ser algo que nunca foi. Por isso, jamais escondeu a sua bissexualidade.

Aos 16 anos, fez o seu primeiro show com plateia, durante a sua era sertaneja, cujas referências vinham da identidade musical do pai. No entanto, quando “Show das Poderosas”, de Anitta, tocou em meio ao intervalo, um estalo aconteceu em sua mente. Ao repousar a garrafa de água numa mesinha de plástico dos bastidores, voltou para o palco e improvisou um cover. Ali, conectou-se ao seu artista interior. MC Ruam nasceu ali, mais forte, mais corajoso e indomável, ao contrário de Ruam Rodrigues, meigo, apaixonado e contido. Quando ele está no palco, uma versão melhorada de si é aflorada. Uma versão sem medo de ser o que é.

No entanto, seus anseios teriam um preço se fossem escolhidos. Mesmo com receio por conta do alvo em suas costas que isso representaria, também enxergou as possibilidades de luta social e diferenciação diante de um mercado cheio de outros cantores do gênero.

Ele se considera o primeiro MC do gênero masculino LGBTQI+. No cenário mainstream, apenas mulheres têm exposto a sua sexualidade livremente, como MC Dricka, Ludmilla ou Anitta. Ruam pensa que está na hora disso mudar, porém ainda há muito a ser feito.

No início de 2020, Ruam foi se apresentar no Baile do Coqueiro, localizado entre as periferias das cidades de São Paulo e Guarulhos. Estava acompanhado de sua produção, incluindo a sua maquiadora, que é uma mulher transgênero de cabelos castanhos e pele parda.

Nos bastidores, um dos organizadores do baile se irritou. Acreditou

que a maquiadora estivesse olhando para ele, com interesse. Uma cruzada de olhares fez emergir uma raiva latente, que só estava esperando o momento certo para sair. Ruam chocou-se com a situação e interferiu na situação para defender a amiga.

- Só porque ela é trans, você acha que ela quer alguma coisa? Só porque ela olhou pra você? - retrucou.

- Se tu tá defendendo, é porque você deve ser viado também! - gritou o homem.

- Ué?! Eu sou mesmo! Não tenho nenhum problema com isso não. Você nem paga as minhas contas, nem nada! - afirmou Ruam.

Após esse momento de fúria, a presença dele e de sua equipe se tornou insustentável no camarim. Rapidamente, começaram a arrumar os itens pessoais e de produção do show para ir embora. Enquanto isso, o organizador se reuniu com um pequeno grupo de homens. Os olhares que a equipe recebia eram lascivos e hostis. Ruam entendeu o que aquilo significava. Tinham de sair de lá o mais rápido possível.

Subitamente, um deles veio correndo na direção deles e socou a maquiadora. Ferida, com a boca arrebentada, ela caiu no chão. Ruam empurrou o homem e devolveu o soco. Logo, iniciou-se uma pancadaria. Algumas pessoas que estavam do lado de fora perceberam o que estava acontecendo e entraram no camarim para separá-los.

- Tira esse MC, ele é viado! - ouviu ao longe.

Saíram desesperados do estabelecimento, em direção a van que seria paga com o cachê do show. No entanto, já dentro do veículo, perceberam um estrondo forte na lataria. POFT! POFT! Pedras estavam sendo atiradas pelo grupo de amigos do organizador.

- Não mano! Não faz isso não! - gritava o motorista. Enquanto isso, a maquiadora chorava de dor por conta de o lado esquerdo de sua mandíbula estar completamente inchado.

O motorista meteu uma marcha, pisou no acelerador e saiu de lá o mais rápido possível. Por conta da pressa, diversos itens da produção ficaram no estabelecimento. E Ruam teve de pagar os estragos do veículo.

O medo faz parte de seus shows, ele sabe que pode acabar não voltando para casa algum dia. No começo da carreira, nenhuma casa noturna hétero se interessava por contratá-lo. Mesmo que a sua estética não fosse afeminada, não abdicando completamente de trejeitos masculinos, embora isso não seja feito conscientemente. De qualquer modo, nunca era enxergado como um MC no sentido clássico, e sim um cantor voltado para o pop estilo Anitta e Ludmilla, que geralmente faz mais sucesso entre a bolha LGBTQI+.

Bolha essa que MC Ruam tenta furar para se consolidar e conquistar público além de seus 50 mil seguidores no Instagram. Geralmente, da mesma forma que os bailes funk proporcionam entretenimento produzido pela periferia e para a periferia, os artistas LGBTQI+ tem seus conteúdos consumidos apenas por integrantes da própria sigla, dificilmente recebendo atenção do público heterossexual. No entanto, com os avanços dos últimos anos, muitos padrões como esse vêm sendo alterados, mesmo que lentamente.

A ascensão de artistas não heteronormativos assumidos e sem medo de ser quem são chegou a outro patamar com o sucesso da drag queen Pablllo Vittar, que atingiu números estratosféricos com seus hits “K.O.” e “Amor de Que”. A artista conseguiu transitar entre todos os públicos por meio de sua estética femme fatale, ironizando padrões de gênero feminino e músicas chiclete de inspiração regional. Diversos outros artistas LGBTQIA+ têm crescido após essa primeira grande aparição explícita nacional, e MC Ruam é um deles. Hoje em dia, faz shows tanto em baladas gays quanto em tabacarias, pois acredita que é importante ocupar todos os espaços possíveis.

A curiosidade em relação ao sexo masculino sempre esteve presente, no entanto era deixada de lado por ele, pois preferia sair apenas com mulheres. Foi só em torno dos 17 anos que entendeu que se tratava de uma necessidade humana e que ele era dessa forma. Passou então a experimentar e gostou. Hoje se entende como bissexual.

Agora compreende seus interesses amorosos e sexuais como 70% direcionado a homens e 30% a mulheres. Algo muito comum em bissexuais,

uma vez que se interessam por ambos os sexos, porém de forma que isso é variado dependendo da pessoa em questão.

A pior parte disso foi a relação com seus pais que ficou estremecida, principalmente quando começou a trazer homens para casa. Divorciados, ambos os pais não compreenderam a questão por um tempo. Ruam contou à sua mãe aos 18, porém ao pai só aos 21.

O pai de Ruam faz parte da dupla sertaneja Ruam e Roberto, com mais de 12 CDs lançados, e mantém sua arte fiel à raiz do gênero da região Centro-Oeste, muitas vezes reconhecida como mais tradicional e machista. Tem ao todo nove filhos com várias mulheres, sendo oito meninas e um menino, Ruam.

Por isso, entender que seu filho era de maneira diferente foi difícil e intenso inicialmente. No entanto, isso nunca alterou a influência artística que Ruam absorvia do pai. Além dele, outros dois artistas sempre o inspiraram. O maior deles é MC Hariel, um dos poucos que possuem contrato com a Warner Music, por conta de sua videografia de absoluta qualidade que se diferencia de outros MCs, que mantém uma estética de baixo custo mesmo sendo ricos e famosos. E Gloria Groove, também por conta dos videoclipes de qualidade sempre dirigidos pelo genial Felipe Sassi, e da marca que a drag impõe em seu público, com a força de sua assinatura em cada música e a presença de palco que a cantora possui.

Porém, se hoje em dia há uma variedade de artistas de funk fazendo sucesso, o caminho foi muito mais difícil nas décadas passadas. Nos anos 1990, havia poucas instâncias de intermédio entre MC e mercado musical, entre equipes de som e gravadoras. Isso consistia numa relação predatória, em que os cantores eram vistos e tratados como ignorantes e analfabetos.

Um disco eventualmente seria lançado, se fizesse sucesso, ótimo. Do contrário, a porta da rua seria a serventia da casa. Também é preciso mencionar que existiam contratos abusivos de gravação e gerência de direitos autorais.

Hoje, a gestão dos artistas é feita muitas vezes de dentro das periferias, amplificada por conta das redes sociais que funcionam como divulgando-

ras autônomas. E outra questão que se alterou, por conta da internet, é a percepção e consciência dos artistas sobre a sua realidade, promovida pela rápida propagação de ideias, músicas e mensagens.

Aos poucos, a representatividade no Brasil das margens do capitalismo nacional aumentou consideravelmente, por meio de obras do cinema como *Cidade de Deus* e a inclusão de núcleos periféricos nas telenovelas da TV Globo. Por fim, isso ocorreu de forma definitiva com a entrada dessas pessoas nas universidades e no mercado de trabalho, por meio de políticas inclusivas como as cotas.

Entretanto, ainda há muito preconceito de quem não é da favela em relação ao funk. Nos anos 1980, os bailes eram fechados e silenciados por intervenção dos governantes durante a Ditadura Militar, o que fez com que fossem sufocados por um tempo, até ressurgirem novamente depois de uma abertura política. Isso se deu na Penha, bairro da cidade do Rio de Janeiro, e gerou o Baile da Gaiola, que mais recentemente criou a vertente do funk 150bpm. No entanto, essa manifestação comunitária do funk continua sendo vista como uma ação criminosa.

Silvio Essinger tem constatado isso nos últimos anos.

Jornalista, escritor e pesquisador musical, Silvio escreve para O Globo e é autor de “Batidão: Uma História do Funk”, um livro-reportagem que procurou entender a raiz do que é o funk no Rio de Janeiro. Sempre o intrigou o circuito de bailes funk que existia, embora estivesse mais focado no rock. Após ler a obra “Mundo funk carioca” de Hermano Vianna, e acompanhar a cobertura do Jornal O Dia que dedicava muito espaço a essa cultura, se interessou por descobrir mais sobre esse gênero musical.

Como já não via mais perspectivas de futuro em seu emprego no Jornal do Brasil, Silvio pensou em largar tudo para se aventurar no universo cultural das periferias. Antes de sair, fez xerox do acervo do jornal sobre funk carioca e em seguida se demitiu. Iria passar um ano escrevendo um livro sobre essa cultura a partir daí.

Carioca, optou por fazer um mergulho nesse universo. Já havia morado na periferia quando era adolescente, na Zona Norte da cidade, então já

entendia alguns aspectos que envolvem a realidade periférica. Porém, começou a conversar com vários MCs. Suas entrevistas eram gravadas num aparelho MP3 muito antigo. Além disso, andava pela cidade de transporte público, de van, e se mudou para uma região onde as suas fontes moravam, passando assim a viver com a quantidade de dinheiro que eles viviam.

Desse modo, pôde compreender a cidade que tinha nascido pelo olhar dos MCs e das pessoas que moram nas favelas e periferias. Tratava-se de um ambiente de muita dificuldade, opressão e violência, seja por conta do tráfico de drogas ou por conta de ações da polícia. Também há uma necessidade inerente ao apoio promovido pela fé cristã, em sua maioria evangélica, e existe um endeusamento do futebol.

E o funk resume isso tudo. Traz a gíria que o artista aprendeu no culto, a fé na possibilidade de uma vida melhor, referências culturais que viveu nos bailes e outras absorções derivadas de espaços de socialização da favela.

Um dos maiores espaços é o Baile da DZ7, cujo nome é uma referência a um bar de drinks que existia na região. Surgida inicialmente como um pagode em frente a um boteco, os jovens passaram a ouvir funk nas caixas de som de seus carros nos arredores do estabelecimento. Aos poucos, a festa cresceu, passou a perdurar uma madrugada inteira e tornou-se cada vez maior, algumas vezes começando na quinta-feira e se estendendo até domingo. Pessoas de várias regiões da cidade, de outras cidades e até de outros estados frequentam o baile, que reúne cerca de 30 mil pessoas.

Moradores da área acabaram se mudando por conta do barulho, o que deu espaço para comerciantes abrirem bares e financiarem DJs, MCs e fez com que equipes especializadas em produção de caixas de som, os parênteses, ganhassem a vida sustentando essas festas.

A Equipe Mandelão, por exemplo, é basicamente um grupo de amigos que amam funk. E amam as festas e os fluxos mais ainda. Inicialmente, eram apenas seis integrantes, sendo que dois deles traziam as suas caixas de som enormes para os bailes em porta-malas de carros.

Num baile, ter um carro com caixa de som significa que outras pessoas

irão se aproximar para poderem aproveitar. E dessa forma, o grupo de amigos conheceu várias pessoas, inclusive outros donos de caixas de som. A expansão da rede de contatos chegou num nível tão alto que apenas o vínculo de amizades deles tocavam no Baile da DZ7 numa época. Logo, em 2016, surgiu a ideia da montagem de uma equipe.

No caso do baile funk de Paraisópolis, a segunda maior favela de São Paulo e quinta maior do Brasil, não existe um contratante específico, afinal, trata-se de uma reunião de um grupo enorme de pessoas num local amplo, cuja música é tocada por caixas de som em automóveis ou nos paredões. Todavia, a Mandelão também é contratada por bailes em locais fechados, festas de aniversários, sítios, entre outros. Ao serem contratados, não cuidam apenas do som, mas também da organização do evento.

Atualmente, a equipe conta com mais de 80 membros. Seu principal fundador é Joaquim Lincoln, também conhecido como Juka, jovem morador de Taboão da Serra e dono do seu próprio paredão que conta com 29 alto-falantes subdivididos entre si, sendo 18 para sons agudos e 3 para sons graves, e os restantes servem para equalizar a sonoplastia. Cada um possui uma luz colorida distinta. E a imensa estrutura é conduzida por um reboque atrelado a um automóvel.

Apesar de todos se tratarem como uma família, há uma hierarquia interna que consiste numa espécie de diretoria formada por Juka e seus amigos Henrique e Eduardo. São eles que agendam eventos, procuram músicas novas de MCs para tocar, contatam artistas, entre outras funções. Os demais fazem pedidos e dão sugestões e cabe a eles acatá-las ou não.

Dessa forma, é feita uma espécie de organização espontânea por parte da própria comunidade, mas que pode causar problemas tendo em vista a grande quantidade de pessoas. Nessas situações – e outras menos evidentes – acontecem intervenções policiais.

No entanto, nesses casos, muitas vezes há muita agressividade. Na madrugada de 1º de dezembro de 2019, agentes da Polícia Militar de São Paulo fizeram uma operação para acabar com o Baile da DZ7.

De acordo com os agentes do 16º Batalhão de Polícia Militar Inte-

rurbano, durante a chamada Operação Pancadão, dois homens de moto ultrapassaram um bloqueio, fizeram dois disparos contra eles, fugiram e adentraram a comunidade. Isso iniciou uma perseguição que os levou diretamente onde estava a festa, além de mais tiros. Isso teria provocado o tumulto e um suposto pisoteamento.

Porém, já na versão dos moradores da comunidade e dos frequentadores, a ação foi premeditada e foi feita uma emboscada. E durante a operação, os PMs teriam realizado torturas psicológicas nas pessoas que estavam na festa e foram encurraladas, o que levou a uma asfixia. Isso teria provocado ferimentos em doze jovens e a morte de nove.

Seus nomes eram Gustavo Cruz Xavier, 14 anos; Marcos Paulo Oliveira dos Santos, 16 anos; Luara Victoria de Oliveira, 18 anos; Gabriel Rogério de Moraes, 20 anos; Mateus dos Santos Costa, 23 anos; Bruno Gabriel dos Santos, 22 anos; Eduardo Silva, 21 anos; Dennys Guilherme dos Santos Franca, 16 anos; e Denys Henrique Quirino da Silva, 16 anos.

#3

ACORDES DE LUTO



Maria Cristina queria ter mais um filho na época. Por isso, planejou a gravidez de Denys. Foi o único filho realmente planejado. Ao tomar a sua última injeção anticoncepcional, que tomava de três em três meses, ela já tinha em mente que iria parar com o método contraceptivo e ter mais uma criança em casa. Assim que parou com as doses, engravidou com rapidez.

Após nove meses, o bebê nasceu no dia 31 de dezembro de 2003, na véspera de Ano Novo, mesmo com o parto previsto para antes do dia 25 do mês. Ele chegou ao mundo às 15 horas. Foi o único de seus filhos a nascer durante a tarde, num parto tranquilo, sem complicações.

Naquela noite, a equipe hospitalar levou todas as mãezinhas que tiveram parto normal para o terraço superior do prédio para assistir aos fogos de artifício unirem-se às estrelas transformando o céu escuro da cidade numa pirotecnia de cores vibrantes.

Com o pequenino Denys no colo, Maria assistiu ao espetáculo ao lado de várias mães esperançosas em relação ao futuro. Ela fez vários votos para a proteção do seu filho, que conseguisse alimentá-lo, que ele fosse feliz. Porém, quando ele tinha 16 anos, quase 17, isso foi interrompido. Ela jamais pensou que seu filho se tornaria apenas um corpo com tão pouca idade.

De acordo com o parecer do Ministério Público, duas viaturas bloquearam as duas esquinas da Rua Ernest Renan, uma das vias principais de Paraisópolis. Isso aumentou muito a concentração no quarteirão. Para fugir, um número entre 5 mil e 8 mil pessoas correu para uma mesma opção de saída, uma viela. No entanto, se viram encurraladas pela polícia. Quando o espaço já estava lotado, cinco policiais começaram a atacar gás de pimenta, garrafas e objetos nas pessoas.

- Ah, mas você agora só tem três... – dizem as falas cortantes das pessoas para Maria Cristina hoje em dia.

- Não é só três. Pra mim sempre vão ser quatro. Um foi morar com Deus, né. Por infelicidade do destino. Do destino, não. Por infelicidade dos assassinos... Se não fossem os assassinos, meu filho estaria aqui. – retruca a mãe.

Outro dia, uma informação repentina sobre um baile funk atingiu os ouvidos da mulher. Mas, esse fato novo era a respeito dos seus outros filhos, os outros oito que morreram no baile da DZ7, em Paraisópolis. Todos se tornaram seus filhos, e todas as mulheres que perderam seus filhos naquela noite, se tornaram mães do seu menino.

- Dona Maria Cristina, a senhora tá sabendo que vai ter uma homenagem para os meninos? – comentou um repórter.

- Como assim? – perguntou a mãe – Não estou sabendo de nada... Homenagem de que?

O jornalista explicou do que se tratava.

- Que tipo de homenagem é essa? Que faz uma homenagem pro meu filho e não me comunica? – revoltou-se.

A dor e as mágoas são cotidianas. E as indignações são pontuais. A boa intenção de iniciativas como essa é sempre algo válido, porém o descaso não faz sentido na sua cabeça. Outro dia, Maria comentava com Adriana, mãe de Dennys Guilherme, o seu incômodo com os amigos de seu filho indo para os bailes se divertir como se nada tivesse acontecido. Pessoas morreram. Seu filho morreu. E parece que tudo continua da mesma forma. “Eles sabem o que aconteceu, mas não sabem o que de fato aconteceu”, ela pensa sempre.

Naquele dia... O dia em que tudo aconteceu... Tudo era muito confuso e estranho. Fernanda Santos, 28 anos, achou tudo muito estranho. Ninguém a avisou. Nem avisou sua família. Apesar de ser leiga, ela sabia que quando uma pessoa morre, onde quer que seja, tem de ser feita uma perícia, e que o local deve ser isolado. “Por que não teve perícia na hora?” “Por que o local não foi isolado?” Ela pensava consigo mesma. “Onde

estariam as roupas do meu irmão?”

Na primeira semana, a supervisora de vendas não sabia como proceder ou o que fazer. Estava sem chão. Então, foi até Paraisópolis. Insistentemente, batia de porta em porta. Ela queria saber o que havia acontecido. Foi pessoalmente até a viela onde o massacre aconteceu. Será mesmo que não tinha como sair dali? Essa era uma das muitas dúvidas que pipocavam entre as suas sinapses, porém uma maior ainda perambulava em sua mente. Seu irmão teria morrido mesmo de pisoteamento?

Aquilo tudo não fazia parte do feitiço dele. Eles sempre tinham hora para voltar para casa. A mãe, Adriana, se assegurava disso, mesmo que não pudesse estar tão presente porque precisava sair para trabalhar. Se não respeitasse o horário, não saía mais!

Na manhã seguinte da tragédia, diversas imagens foram exibidas em várias emissoras de TV. Em uma delas, alguém fazia massagem cardíaca num adolescente desacordado. Era ele. Era Dennys. E foi assim que ela soube que ele estava morto.

Quando chegou no Instituto Médico Legal (IML), pediu para ver o corpo do menino. Porém, não a deixaram ver. O corpo aparentemente enrijecido estava coberto e disseram que o pano não poderia ser retirado. Ela foi até lá para reconhecê-lo, mas não a deixaram chegar perto, nem o tocar.

Restava apenas ver uma foto dele, Fernanda precisava de uma comprovação de que realmente era Dennys quem estava ali. Ela tinha recebido apenas as digitais do irmão, só isso não ajudava em nada. Como ela saberia reconhecer as digitais? As roupas dele também foram entregues a ela. Estavam molhadas de água e de urina.

Uma moça que trabalhava no estabelecimento se aproximou com uma foto do garoto, do tamanho de uma folha de sulfite. Era o rosto dele. Seus dentes brancos e retinhos foram o primeiro traço que a fez reconhecê-lo. Parecia que ele estava dormindo de boca aberta.

Algo chamou muito a sua atenção. O único hematoma que Dennys possuía era um pequeno roxo na lateral da cabeça. “Teriam ficado com dó de pisar na cabeça?” Indagava a si mesma ironicamente. Não fazia sen-

tido. Na época, as estimativas apontavam que cinco mil pessoas estavam no tumulto quando o irmão caiu. “Deveria haver mais ferimentos”, ela pensava, principalmente por conta da sua pele preta, “qualquer pancada deixa a pele roxa e seu irmão não tinha nada”.

Um tempo depois, no velório, Fernanda queria se certificar disso. Ele não poderia ser enterrado sem que esse assunto fosse esclarecido. Então, no meio da cerimônia, o caixão foi aberto. E realmente, não havia hematomas.

Enquanto estava na viela observando as possibilidades do que poderia ter acontecido, pensava se não poderia ter ocorrido um sufocamento. Mas, logo outro pensamento vinha em seguida. Fernanda é baixinha, porém seu irmão era alto. Ela não tinha certeza se ele sofreria disso por conta da estatura.

Então, pensou nos policiais. “Todo mundo sabe como a polícia entra na favela”, outro pensamento veio à consciência. Ela conversou com pessoas que moram nas duas vielas paralelas ao local e todos diziam que eles cercaram, fecharam as saídas e atiraram bombas de gás de pimenta. Foi dito que os policiais quebraram um cano da rua e começaram a bater nas pessoas para impedi-las de sair da viela. Talvez, por isso as roupas de Dennys estivessem molhadas.

Ela fica imaginando, principalmente quando vê um jovem na rua. Como seu irmão estaria hoje...? Eram dez anos de diferença entre eles. Todo irmão mais velho é um pouco pai e toda irmã mais velha é um pouco mãe. Fernanda sabe que cuidou mais do irmão do que cuida de seu próprio filho de seis anos, por conta do trabalho, onde já está há cinco anos.

Tranquilo e de poucas palavras, Dennys falava manso. Fernanda é mais agitada e era chocante quando ela se preocupava demais com uma situação e o irmão tratava com a maior tranquilidade do mundo.

- Deixa de ser sonso! – brincava.

Apesar da mansidão, era essencialmente prestativo. Se estavam precisando de alguma coisa, era ele quem iria fazer isso, por vontade própria.

No supermercado ou qualquer outro lugar ou necessidade.

- Denny, eu vou chegar atrasada. Olha o Murilo pra mim? – indagava uma Fernanda esperançosa, pronta para sair de casa.

- Não precisa perguntar! É só avisar que horas a perua vai chegar que eu olho. Não precisa perguntar se eu olho ou não! – impôs Denny.

Durante a adolescência, dava trabalho quando saía de casa. Talvez, por sua idade mais próxima, ela conseguia entender os anseios da juventude que pairavam em torno do irmão. Se fosse pela mãe, ele jamais colocaria os pés num baile funk, mas Fernanda nunca viu problema. E ainda não vê problema nenhum.

Ela acredita que seja onde for, é preciso ser quem você é. Sua integridade, seu caráter, seu respeito e sua honestidade não seriam alterados num ambiente específico. Não seria possível que cinco mil pessoas fossem bandidas, já que quem tem atitudes ilícitas pode estar em qualquer lugar, como um ônibus comum ou até numa universidade.

Denny Guilherme e Denys Henrique foram unidos pelo acaso em dois momentos de suas vidas. O primeiro foi quando seus nomes foram escolhidos. Os xarás têm apenas um “n” de diferença nesse aspecto. O segundo acaso foi o local e dia de sua morte, no massacre de Paraisópolis.

Danylo Amilcar, 20 anos, é filho de uma mãe que criou os filhos sozinha. De Maria. É irmão mais velho de Denys e de Sabrina. Hoje estuda Geografia na Universidade de São Paulo (USP), e é professor e coordenador na Rede Emancipa, um movimento social de cursinhos pré-universitários voltados para pessoas de baixa renda.

A primeira vez que deu aula em sua vida foi na época em que fazia parte da Igreja, onde ensinava as crianças sobre a Bíblia. E então, viu em si o potencial de ajudar pessoas como ele por meio do conhecimento.

Danylo e seu irmão mais novo foram influenciados até os 12 anos a frequentar a igreja por conta de uma tia que morava na casa de sua avó, enquanto ele morou por lá. Aos poucos, se afeiçoou àquela vida. Gostava da cantoria, e entendia que uma vida de fé era a única opção viável. Já Denys se atraía pela igreja apenas por conta da possibilidade de poder

cantar, dançar e fazer amizades.

Porém, em certo momento, Danylo percebeu que a fé retirava muito de sua personalidade, e o impedia de fazer coisas que gostaria de fazer, principalmente no interesse em viver a cultura periférica que era viva à sua volta. Seu jeito de falar, modo de se vestir, o que devia ou não pensar, o que é “certo” ou “errado”, quais os rumos que a sociedade deveria seguir... Queria se livrar disso, precisava entender o mundo. A morte de Denys foi o principal gatilho que o fez alterar radicalmente seu modo de pensar. Algo estava errado. De acordo com ele, o cristianismo não é para as periferias. Por isso, é agnóstico atualmente.

Com seu caderninho minúsculo, cheio de anotações, Danylo escreve um de seus milhares de pensamentos para não poder esquecer depois. Muitas vezes, pensa no irmão falecido. Para ele, ter um irmão é algo complexo. Trata-se de conviver com um ser humano completamente diferente, mas que desperta amor incondicional e uma vontade profunda de estar perto e de vê-lo feliz. É sobre ter alguém com quem você possa contar independente das circunstâncias, seja uma briga, seja mau-humor ou tristeza.

Quanto estavam juntos, brincavam muito de fazer improviso. A facilidade de Denys em fazer uma boa batida, numa mesa ou caneta, era base para Danylo inventar versos e rimas na hora, geralmente caçoando da mãe ou de outros membros da família em festas. Quando a brincadeira se tornava algo pessoal, faziam uma batalha de improviso entre si, para descobrir quem era o melhor. Tudo começou quando passaram a assistir juntos aos programas de humor da MTV na televisão, quando Danylo tinha 10 anos, e Denys, oito.

São momentos que ele lembra até hoje. Atualmente, encara sua vida como um ato de sobrevivência. Para ele, a vida é muito bonita quando se tem uma família e pessoas que é possível amar. Elas são parte de quem ele é. E quando uma parte é arrancada, de maneira tão brutal, é como se ele tivesse morrido um pouco. A resiliência que ele possui consiste em alguns dias estar extremamente deprimido na cama e em outros compreender que isso faz parte da vida. Entender que coisas injustas e terríveis podem

acontecer a qualquer momento.

Logo quando tudo aconteceu, o luto se apropriou de seus sentimentos. Depois, a luta. Ele pensa todos os dias “o que meu irmão gostaria de ver que estou fazendo por ele depois do que aconteceu?”. Às vezes, imagina um diálogo que teria com Denys, algum dia.

- Olha aqui, eu lutei! Foi injusto o que aconteceu com você, mas eu te defendi! Eu corri atrás!

Depois de um tempo, percebeu que se tratava apenas de uma válvula de escape, pois não teria mais no que se apegar para seguir em frente. Hoje, compreende a situação de forma mais branda. Seu irmão tornou-se uma fonte de inspiração para ele. Danylo o enxerga como um jovem que nasceu na periferia, enfrentava os problemas que são infelizmente comuns e mesmo assim, ousava sonhar. Sorria e não deixava que qualquer opressão afetasse o seu sorriso. Tudo isso ameniza a dor de nunca mais poder vê-lo e falar com ele, apesar dos percalços de ter de explicar para o mundo que ele não era um criminoso ou marginal.

No dia em que Denys faleceu, Dimitri Sales, do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo (CONDEPE), acompanhou a família Quirino nos IMLs para garantir que os procedimentos estavam sendo seguidos corretamente, além de prestar apoio. A partir daquele momento, várias instituições de direitos humanos os acompanham desde então. Além do CONDEPE, o Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD), composto por advogados e juristas, também se solidarizou com o intuito de combater a violência do Estado sobre as populações mais vulneráveis.

Participar das diversas manifestações foi como um furacão. Ser o centro de um aglomerado de 500 pessoas que saiu de Paraisópolis até parar em frente ao Palácio dos Bandeirantes foi difícil de lidar emocionalmente. Compreender o que havia acontecido e reunir forças para agir era complicado para ele. Mas, com o apoio das pessoas que se solidarizaram no coletivo, tornou-se ao menos, algo possível.

A organização do primeiro ato, na primeira quarta-feira após o domin-

go da tragédia, ficou por conta das lideranças sociais de Paraisópolis. E foi o início de diversos atos de protesto.

Danylo e Maria optaram por comprar as roupas do velório de Denys em Paraisópolis, para que pudessem observar o lugar e entender o que havia acontecido. Ele percebia o modo espantado e o choque nas vozes das pessoas que falavam e sussurravam ao seu redor. Diziam que sempre havia sido violento por ali, porém dessa vez a polícia foi além. Tinha feito pior que de costume.

Em um dos vídeos filmados por moradores escondidos, publicado no canal do YouTube do jornal O Estado de S. Paulo, durante a ação da PM, é possível ver um policial escondido atrás de uma parede com um pedaço de cano metálico em mãos. Quando as pessoas passavam correndo desesperadas por perto, ele surgia e batia com o cano no rosto e no abdômen delas, aos risos. Enquanto isso, mais à frente, outro policial berrava com uma voz grossa ameaçando a todos e exigindo que fossem embora.

Encurralados na viela, a imensa quantidade de frequentadores permaneceu em pânico e desesperada. Os últimos momentos dos jovens foram de profundo terror. Oito deles morreram asfixiados, incluindo Denys Henrique Quirino e Dennys Guilherme. O único que não morreu dessa forma foi Mateus dos Santos Costa, que sofreu traumatismo raquimedular, isto é, uma lesão fatal na coluna vertebral, decorrente de um pisoteamento. As informações constam nos laudos do Departamento de Homicídios e Proteção.

De acordo com a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, a morte por asfixia consiste na inibição da capacidade respiratória ou limitação da captação de oxigênio durante a respiração, o que causa hipóxia – sintomas como sonolência, dor de cabeça, suor frio, dedos e boca arroxeados e desmaios – e por fim, o comprometimento geral das funções respiratórias.

Certo dia, já em 2021, o pai de Maria Cristina não estava passando bem. Antes da tragédia, a primeira coisa que ela faria seria ligar para a polícia, que sempre achou que fosse um “caminho para todos os caminhos”, uma forma genuína de proteção. No entanto, atualmente, não teria cora-

gem de permitir que policiais entrassem em sua casa.

Então, chamou o SAMU para socorrê-lo. Enquanto os exames eram feitos, um dos enfermeiros tentou puxar assunto. Aos poucos, foi tecendo uma história. Tratava-se de um caso que ele havia participado. Uma criança estava asfíxiada. E então, começou a contar os procedimentos de primeiros socorros que devem ser feitos para salvar alguém que estaria morrendo.

A dor provocada por esse relato fez Maria Cristina soluçar. Aquilo não havia sido feito no filho dela. Muitas lágrimas quentes escorreram pelo seu rosto, passando pelas olheiras em direção ao queixo. Com a mão esquerda, enxugou-as espalhando a crosta salgada por toda a bochecha.

Para ajudar Maria a lidar com os sentimentos, o Estado ofereceu apoio psicológico à mãe, algo comum de ser feito quando alguém é morto pela polícia. Porém, o local onde seriam feitas as sessões perturbou ainda mais a mente da mulher: era no Fórum Criminal da Barra Funda. Por lá havia vários policiais e ela não se sentia mais à vontade perto de uma viatura sequer.

Num sábado, Maria andava pela rua. Subitamente, deu de cara com um policial militar na porta de uma padaria, onde ela ia entrar.

- Boa tarde – disse o policial.

O sangue de Maria ferveu, e depois de muito tempo, finalmente conseguiu olhar um deles nos olhos.

- Não sei quantos você já matou hoje, mas a tarde deve estar boa pra você – disse rispidamente.

E então, voltou a si. Havia imaginado tudo. E então ficou preocupada por pensar em algo assim. Essa raiva toda poderia ter feito ela ser presa se o atacasse, ou até pior, como o que houve com Denys.

Sempre que vê um homem fardado no dia a dia, uma voz em sua mente diz a ela que ele pode ter feito parte dos 31 policiais envolvidos na ação. Por conta disso, não aceitou o apoio proposto pelo Estado. Pouco tempo depois, foi oferecido a ela pela diretora da escola de sua filha uma equipe universitária, que a atendeu virtualmente. Na segunda sessão, foi

diagnosticado que Maria necessitava de ajuda psiquiátrica e atendimento individual. Depois de um tempo, estabilizada gradativamente por conta dos remédios, pensamentos ruins foram afastados de sua mente. Foi um alívio. Por um tempo, havia tido vontade de “ir junto” com o filho para encontrá-lo, conversar com ele mais uma vez, para ouvir respostas...

Hoje em dia, finge ser forte. O que a mantém viva é a sua filha ainda pequena e a luta. A força vem quando ela fecha os olhos e vê várias crianças no baile funk como seu filho, que precisam ser protegidas. Ela tinha muita raiva dos bailes, porém ao ver o corpo de seu filho no IML, sua raiva em relação a eles desapareceu. A maioria dos seus sentimentos e da pessoa que ela era antes sumiu para sempre. Agora ela está aprendendo a lidar com uma nova versão de si mesma, ainda sem rumo.

Maria está desempregada no momento, mas está procurando aprender cada vez mais sobre os direitos humanos, sobre como funciona o Estado, a polícia. Seu maior sonho no momento é aprender a conversar com os jovens da periferia, para cuidar deles, pois se tivesse estabelecido um diálogo com seu filho sobre suas idas ao baile, talvez as coisas teriam sido diferentes.

Ela quer tornar os jovens conscientes dos perigos. Cogita ser conselheira tutelar, escrever um livro contando a história de Denys ou até cursar Direito. Mas, apenas quando conseguir se estabilizar. Ainda se sente perdida.

Em seu braço direito, há uma tatuagem com o nome do filho, feita em março de 2020. Ela ainda pretende fazer o rosto dele quando tiver dinheiro para gastar, embora muita gente tenha falado para ela não fazer, pois acreditam que representaria simplesmente a aceitação de tudo o que aconteceu. No entanto, é um desejo que está em seu coração. É a frase que será escrita na lápide de Denys Pimentinha, quando for feita. Dessa forma, mãe e filho serão marcados por ela eternamente.

Na lápide de Denys, e na panturrilha de Maria Cristina, estará escrito: “você é a prova viva da injustiça humana.”

POSFÁCIO

“Não tem como falar do baile funk, sem falar que no baile morre gente.”

A complexidade de abordar um tema como o baile funk, que traz consigo temáticas polêmicas envolvendo cultura, política, moda, segurança pública e até uso de drogas, jamais conseguiria transmitir um sentido completo no jornalismo tradicional de *hard news*. Como a frase acima dita por Maria Cristina - durante a entrevista feita para a produção desta peça - deixa explícito, não é possível tratar de um de seus temas sem falar de outro, se o interesse é compreender essa expressão cultural.

O Novo Jornalismo, movimento que trouxe de volta o uso de uma linguagem literária para as reportagens, foi a fonte de inspiração essencial para a produção desta peça jornalística. Isso se dá por dois grandes motivos.

O primeiro é o detalhamento minucioso que é capaz de proporcionar. A descrição do ambiente, de olhares, sensações e emoções tem o efeito positivo de fazer com que o leitor se sinta parte da reportagem. Essa é uma maneira de fazer com que quem está lendo tenha uma percepção interna do baile funk, que é alvo de tantos preconceitos. Desse modo, o livro-reportagem oferece uma experiência sensorial.

O segundo é a empatia gerada por meio da narrativa de caracterização física e psicológica dos personagens. Há a percepção de que são seres humanos reais e palpáveis que frequentam essas festas. É perceptível a desumanização proporcionada por uma semiótica imposta socialmente de que existem indivíduos bons e maus. Esses “maus” são os bandidos, os criminosos. E muitas vezes, tem-se a ideia de que quem frequenta baile funk não são pessoas, e sim os bandidos, os traficantes, que contribuem com a violência e destroem a sociedade. Isso provoca tragédias como a de

1º de janeiro de 2019, em Paraisópolis.

Por meio da utilização de técnicas elencadas por Tom Wolfe na obra “Radical Chique e o Novo Jornalismo”, como narração cena a cena, uso de diálogos, uso de onomatopéias e uma descrição minuciosa e detalhada, o tema é tratado com profundidade num sentido amplo, somando a isso também o papel desempenhado por cada personagem. Mesmo quando a temática se repete em alguns momentos, o recorte se diferencia devido ao tom personalista que é capturado.

Em suma, esse livro-reportagem parte dessa compreensão e busca trazer a humanidade dessas pessoas para o debate. De certa forma, fortalecendo um espaço democrático.

É relevante ressaltar que não há intenção de romantizar crimes condenáveis por lei. Embora seja possível se deixar levar por essa interpretação, narrar situações corriqueiras que acontecem em qualquer tipo de festa, inclusive nos bailes funk, não consiste em assumir lados políticos. Contar a história dessas pessoas não é assumir um partido e sim, garantir que todos tenham voz. Isso garante a democracia, sendo esse um dos propósitos mais importantes da prática do jornalismo.

Com personagens humanizados, visões de mundo discrepantes sobre um mesmo tema e abordagens sobre variadas temáticas que tangenciam o contexto geral, Por Trás do Megatron procura ser uma obra retirada diretamente da era do Novo Jornalismo, e moldada a um tema atual, de interesse público e absoluta relevância.

Geovani Bucci



SOBRE O AUTOR

Geovani Braga Bucci nasceu em 2000 na capital paulista e foi criado no extremo norte da cidade. Inspirado por cultura, política e moda, sempre foi apaixonado por escrever. Hoje em dia, atua na área de assessoria de imprensa e sonha em trabalhar na redação de um veículo de comunicação. É graduando em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e este livro compõe o seu Trabalho de Conclusão de Curso.

O que há por trás do megatron? Por trás das batidas eletrônicas frenéticas do fenômeno cultural que é o funk e das estigmatizações relacionadas ao crime e à segurança pública, existem diversas pessoas que não tiveram as suas histórias contadas e meandros que ainda não foram compreendidos por quem consome o noticiário tradicional.

Sendo assim, Por Trás do Megatron mergulha de cabeça nos relatos de seus personagens para traçar um panorama completo do que é o baile funk. São narradas histórias de frequentadores, que vão desde pessoas comuns, artistas, até famílias enlutadas que buscam justiça pela morte de seus entes queridos num massacre.